

O FUTURO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS E A IMPORTÂNCIA DE SEU PASSADO

Gilberto Velho

I.

Seria muito pretensioso e levemente insano munir-me de uma bola de cristal para lançar profecias mais ou menos obscuras sobre o futuro das ciências sociais. Certamente, essa não é a minha intenção, mas parece saudável, reavaliando o passado e pensando o presente, indicar algumas questões que talvez sejam produtivas para o desenvolvimento de nossa área de conhecimento.

Embora privilegiemos as relações entre a antropologia, a sociologia e a ciência política, cabe, de saída, registrar a enorme importância do diálogo com a história, com a filosofia e com a economia, para não falar de outras disciplinas e áreas temáticas. Pois é justamente este o núcleo de nossa reflexão: enfatizar que o cientista social necessariamente transita, mesmo quando não o assume de modo explícito, por essas variadas especializações, cujas fronteiras são arbitrárias e fluidas. Quando falo em arbitrário, não quero dizer que não haja uma base na história da ciência que possa explicar essas descontinuidades. Mas é importante ficar claro que, sob o meu ponto de vista e o de diversos cientistas sociais, elas não correspondem diretamente a uma pura lógica de produção de conhecimento, e sim a uma dinâmica que envolve, entre outras variáveis, relações de poder, circunstâncias pessoais, alianças e conflitos de facções e de segmentos do universo científico. Ao fazer uma análise sociológica da constituição de nosso campo de trabalho, é preciso ter em mente que são múltiplas as razões de seu estado e de suas divisões atuais. Assim, se nem tudo se explica por processos exclusivamente científicos, nem tudo pode tampouco ser reduzido a uma disputa por espaços, posições e privilégios. Devemos evitar, como cientistas sociais, reducionismos em qualquer temática com que estejamos lidando, sobretudo em se tratando de nós mesmos.

Creio ser interessante pensar, portanto, um pouco mais no passado não tão remoto de nossa área de conhecimento. Certamente, podemos identificar ciclos que apontam para uma oscilação entre uma tendência que poderíamos classificar de universalista e de maior abertura, e outra de maior especialização e fechamento de fronteiras. No caso da área em que venho trabalhando já há algumas décadas, penso, por exemplo, na famosa Escola de Chicago. Entre 1892 e 1929 existia um Departamento de Sociologia e Antropologia na Universidade de Chicago que veio depois a se dividir. Durante 37 anos trabalharam juntos profissionais que se interessavam tanto pela sociedade moderno-contemporânea como pelas sociedades tribais e tradicionais. Cientistas como Park e Thomas não só liam como incluíam em seus cursos textos que versavam sobre as temáticas mais variadas da sociedade humana (ver Bulmer, 1984). No seu desenvolvimento, desde o início, uma das principais influências exercidas sobre esse grupo foi a obra de Georg Simmel (ver, por exemplo,

Simmel, 1971), que costuma ser considerado, junto com Marx, Weber e Durkheim, um dos fundadores das ciências sociais. Para nós, é muito claro que Simmel atuava como produtor de conhecimento em áreas que denominaríamos, de acordo com a nossa distribuição disciplinar atual, de antropologia, sociologia, filosofia, história, economia e ciência política. Talvez pudéssemos ampliar ainda mais esse espectro e precisar linhas de trabalho como história da arte, estética, musicologia, crítica literária, urbanismo etc. Com evidentes diferenças de ênfase, foco e amplitude, os outros citados, Marx, Weber e Durkheim, também apresentariam uma atuação que em muito extrapola divisões e compartimentos que foram se constituindo no correr do tempo. No caso da Escola de Chicago, também é preciso lembrar a grande importância, na sua formação e processo de produção de conhecimento, de George H. Mead, John Dewey e William James, o primeiro mais identificado com a psicologia social, e os outros dois com a filosofia e o pensamento social (ver Bulmer, *op. cit.*). Essa herança atravessa gerações, com maior ou menor ênfase, explicitude e consciência, deixando sua marca em várias correntes ligadas à Escola de Chicago, particularmente na sua tradição interacionista. Isso fica muito claro nas trajetórias de Louis Wirth, Herbert Blumer e Everett Hughes, cujas preocupações com diversos aspectos da ação social fizeram deles pensadores de interesse eminentemente multidisciplinar. Essa tradição tem continuidade na geração pós-Segunda Grande Guerra, por meio de autores como Howard S. Becker (1990 e 1996) e Erving Goffman (ver Joseph, 1998), cujas obras destacam-se por sua repercussão inter e multidisciplinar, tendo sido ambos colegas de turma e PhDs do Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago.

Um dos principais focos da produção da Escola de Chicago, que não deve ser confundida com o Departamento de Sociologia da famosa universidade, pois engloba profissionais influenciados por ele, mas não somente seus alunos ou professores, é a temática indivíduo e sociedade. Como já foi dito, as origens dessas reflexões ligam-se ao pensamento filosófico-sociológico alemão, sobretudo por intermédio de Simmel, e ao pragmatismo norte-americano propriamente dito, com as obras e a atuação de William James e John Dewey. Portanto, com as devidas variações entre os diferentes autores, trata-se de uma corrente de pensamento nem tão homogênea como muitas vezes se pensa, mas que lida permanentemente com uma problemática transdisciplinar. O ponto fundamental do interacionismo é que o estudo da ação social se refere às interações entre os indivíduos vistos não como monadas isoladas, mas como sujeitos ativos, atuando dentro de redes e grupos sociais, num processo contínuo de mudança e reinvenção social. Assim, opõe-se a modelos teóricos mais estáticos, nos quais os indivíduos desempenham papéis predefinidos dentro de uma estrutura social abrangente, e a mudança social quase sempre aparece como disruptiva.

Outra linha de reflexão que se encontra em vários momentos, pelo menos em alguns autores identificados com a Escola de Chicago, é a fenomenologia, principalmente por meio de Alfred Schutz (1970-1971 e 1979) e Gustav Ichheiser (1950). Dentro das dimensões deste trabalho, limito-me a chamar a atenção para as noções de *mundos*, *províncias de significado* e *projeto*, que estão voltadas, sobretudo, para a busca de compreensão e análise do trânsito individual através de diferentes e

múltiplos níveis e domínios da realidade. Isto é particularmente relevante para uma percepção mais complexa da vida social, na medida em que salienta a sua multidimensionalidade e valoriza os significados que os indivíduos-sujeitos conferem ao mundo com suas interpretações e condutas (ver Velho, 1994). Certamente, essas correntes interacionistas/fenomenológicas têm sido extremamente importantes no diálogo com outras linhas, como a representada pelo pensamento de Louis Dumont na sua elaborada discussão sobre individualismo e hierarquia (ver, por exemplo, Dumont, 1966, 1977 e 1985). Este autor, como sabemos, combina heranças da Escola Sociológica Francesa e da Antropologia Social Britânica para compor seu quadro de análise e reflexão, retomando, de modo original, a questão da construção social da categoria indivíduo, ao comparar a Índia e o Ocidente moderno. Não há dúvida de que existem grandes diferenças e impasses entre essas tradições, mas, de algum modo, elas delimitam e abrem perspectivas para a revisão da temática indivíduo e sociedade.

Em variadas circunstâncias, não só a noção de indivíduo como as próprias noções de sociedade e cultura têm sido questionadas e criticadas. Na antropologia, particularmente, a obra de Gregory Bateson tem servido de estímulo fundamental para uma revisão da dicotomia natureza e cultura (ver, por exemplo, Bateson, 1985). Sua obra cruza os mais variados domínios do conhecimento, não se limitando ao território convencional das ciências humanas e sociais. Seus estudos de linguagem e seu *background* nas ciências biológicas levam-no a transitar por problemas que não podem ser confinados nos compartimentos acadêmicos convencionais. Com a temática da ecologia, Bateson recupera, por exemplo, a categoria população e questiona as fronteiras entre o biológico e o sociocultural. Lida também não só com a problemática da linguagem no sentido mais restrito, mas com sistemas de comunicação em geral, aproximando-se da cibernética. Assim, identifica-se uma forte tendência, que extrapola o território da antropologia, para rever dicotomias estabelecidas e tradicionais. Nas ciências sociais em geral, em vários momentos, não só a noção mais ampla de sociedade, como mesmo a de grupo social têm sofrido não apenas restrições, mas, em alguns casos e situações, um radical processo de relativização. A consciência e a intensificação do processo de globalização e a focalização na mobilidade, no deslocamento espacial e no trânsito entre níveis de realidade e províncias de significado, alimentados inclusive por novas tecnologias, como a internet, fazem com que cresça em importância, se amplie e se complexifique o uso da noção de redes (*networks*), cujos limites são, por definição, menos claros, delimitados e estáveis do que os conceitos anteriormente mencionados.

Na antropologia mais especificamente, uma das conseqüências da revisão, crítica e reelaboração de fronteiras é a tendência, que aparece em vários centros, de uma maior aproximação entre os clássicos *four fields*. Assim, pelas razões acima expostas, a antropologia cultural/social e a antropologia biológica/física, que durante muito tempo tenderam a estar separadas e afastadas, apresentam novas e fortes possibilidades de cooperação em diversas temáticas, como no caso notório da antropologia da saúde. A lingüística tem sido parceira privilegiada de grande parte da moderna tradição antropológica, e este papel importante só tende a crescer. Há que se destacar, também, o desenvolvimento da arqueologia, que, mantendo seus

laços com as ciências naturais e geológicas, como a paleontologia e a zoologia, cada vez mais se integra não só conceitualmente, mas também por meio de preocupações específicas com o trabalho de campo, com a antropologia cultural/social. A genética, claramente, dá uma contribuição primordial para essa cooperação, inclusive em relação a assuntos candentes, como os de raça e etnia. Assim, as pesquisas sobre linguagem, sobre a dimensão biológica do homem, sobre a pré-história e a história mais antiga estabelecem pontes com as pesquisas de antropólogos sociais e cientistas sociais em geral que lidam com a sociedade moderno-contemporânea.

Finalmente, há que se registrar a crítica do trabalho antropológico que vem sendo feita dentro do próprio campo. Basicamente, em nome da valorização do diálogo, questiona-se a autoridade do pesquisador, sublinhando-se o desequilíbrio que se estabelece na relação entre os investigadores e os universos investigados. Denuncia-se o exercício de um tipo de poder que violentaria os “nativos” objetivados nas pesquisas. Gostaria apenas de lembrar que em alguns dos melhores trabalhos antropológicos e sociológicos os autores preocuparam-se em valorizar, dar voz e respeitar de modo efetivo o universo que investigavam. Talvez o exemplo mais conhecido dentro da área dos estudos urbanos seja o livro *Street Corner Society*, de William Foote Whyte (1943). O que é inescapável é que, no momento em que se inicia o processo de pesquisa, se estabelece uma “definição de situação” em que o pesquisador é o sujeito que desencadeia o processo. Por mais preocupado e atento que esteja — e o bom investigador geralmente está — a sensibilidades, valores e pontos de vista do universo investigado, de algum modo estará sendo exercido um tipo de poder que, certamente, não é o mesmo de um biólogo que pesquisa, por exemplo, cérebros de porcos ou coelhos. Essa é uma questão mais geral no trabalho científico e que atinge um patamar dramaticamente crucial quando se trata do estudo de seres humanos. Logo, a crítica a certos abusos e manipulações de alguns pesquisadores não deveria levar ao ensovelamento de uma tradição que, em grande parte de seu trabalho, denunciou racismo, exploração e abusos de poder de toda espécie. Creio que este problema estará permanentemente entre nós e que a preocupação ética não pode ser relegada a um segundo plano, mas creio também que é preciso ter cuidado com os exageros de patrulhamentos ideológicos, dogmáticos e inquisitoriais. A pesquisa socioantropológica implica necessariamente um processo de negociação da realidade que envolve diversos atores, os quais ocupam posições diferenciadas. O modo como vamos enfrentar esses desafios terá, com certeza, conseqüências marcantes para o desenvolvimento da ciência. Essas são algumas tendências, problemas e perspectivas que podem indicar possibilidades e desafios de desenvolvimento para as ciências sociais, sem perder de vista suas raízes e sua história.

II.

Não podemos falar no futuro das ciências sociais sem atentarmos para sua dimensão institucional. Sabemos perfeitamente que a nossa atividade se dá dentro dos limites e possibilidades e diante de pressões da sociedade abrangente por meio de

diferentes agências, grupos e redes de interesse, em que variáveis econômicas e políticas são determinantes. Nesse sentido, a situação da universidade é particularmente crucial, assim como de centros e institutos voltados para a pesquisa científica. De vários modos, a vida universitária tem perdido em quase todo o mundo parte de sua “aura”. As demandas produtivistas, a massificação, o utilitarismo tecnocrático e o enfraquecimento, em vários níveis, do Estado e do poder público têm colocado as instituições educacionais de ensino superior e pesquisa sob fogo cruzado e pressões dos mais variados tipos. Cobra-se da universidade uma abertura maior para atender um volume crescente de alunos, ao mesmo tempo que se solicitam dela resultados práticos e rápidos de suas atividades, os quais devem reverter em benefício de “interesses sociais” mais amplos. Embora os termos e categorias estejam um tanto desvalorizados, o fato é que tanto setores da “esquerda” quanto da “direita”, variando de país para país, e mesmo de momento para momento, questionam a tradição da vida universitária. As acusações de elitismo, de indiferença social e de afastamento do mundo prático e real misturam-se e têm resultado em cobranças que chegam a se efetivar em termos de políticas mais gerais. O declínio dos recursos públicos para a atividade universitária, acompanhado muitas vezes de uma privatização irresponsável, tem sido um fator fundamental para a insegurança em que vive boa parte dos professores e pesquisadores mundo afora. Um dos aspectos mais dramáticos, cada vez mais evidente, é a chamada “cultura da avaliação”, que, baseando-se sobretudo em metas quantitativas, descarta ou deixa de lado a importância de avaliações qualitativas, que só podem ser feitas a partir de um diálogo sério com a própria comunidade universitária. Estabelece-se, geralmente por meio da informática, uma rotina avassaladora de cobranças e relatórios que ocupa de tal forma docentes e pesquisadores, a ponto de prejudicar de modo brutal o seu trabalho científico-acadêmico propriamente dito. A lógica tecnocrática e burocrática cada vez mais se assenhorea do espaço público e interfere na produção universitária. As ciências humanas, no sentido mais amplo, são as principais vítimas desse processo, na medida em que, por suas características, são mais dificilmente enquadráveis em modelos produtivistas-pragmáticos. Na realidade, sabemos que não só a nossa área, mas a pesquisa básica, em geral, é atingida gravemente por essas novas políticas, antagônicas à idéia de que o conhecimento é um fim em si mesmo e que seus benefícios se dão em prazos maiores do que os esperados por políticos e tecnocratas exercendo o seu poder.

Referências bibliográficas

- Bateson, Gregory (1985), *Steps to an Ecology of Mind*, Nova Iorque, Balantine Books.
- Becker, Howard S. (1990), “Uma entrevista com Howard S. Becker”, *Estudos Históricos*, 3 (5), pp. 114-36.
- Becker, Howard S. (1996), “A Escola de Chicago”, *Mana: Estudos de Antropologia Social*, 2 (2), outubro, pp. 177-188.
- Bulmer, Martin (1984), *The Chicago School of Sociology: Institutionalization, Diversity and the Rise of Sociological Research*, Chicago, The University of Chicago Press.

- Dumont, Louis (1966), *Homo Hierarchicus: Essai sur le Système des Castes*, Paris, Gallimard.
- Dumont, Louis (1977), *Homo Aequalis: Genèse et Épanouissement de l'Idéologie Économique*, Paris, Gallimard.
- Dumont, Louis (1985), *O Individualismo: Uma Perspectiva Antropológica da Ideologia Moderna*, Rio de Janeiro, Rocco.
- Ichheiser, Gustav (1950), "Misunderstandings in human relations: a study in false social perception", *The American Journal of Sociology*. Chicago, Illinois, The University of Chicago Press, vol. LV, July 1949-May 1950, pp. 1-69.
- Joseph, Isaac (1998), *Erving Goffman et la Microsociologie*, Paris, Presses Universitaires de France.
- Schutz, Alfred (1970-1971), *Collected Papers*, The Hague, Martius Nijhoff, 3 Vol.
- Schutz, Alfred (1979), *Fenomenologia e Relações Sociais*, Rio de Janeiro, Zahar.
- Simmel, Georg (1971), *On Individuality and Social Forms*, em Donald Levine (org.), Chicago, The University of Chicago Press.
- Velho, Gilberto (1994), *Projeto e Metamorfose: Antropologia das Sociedades Complexas*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- Whyte, William Foote (1943), *Street Corner Society: The Social Structure of an Italian Slum*, Chicago, The University of Chicago Press.

Gilberto Velho. Professor titular de Antropologia Social e Decano do Departamento de Antropologia do Museu Nacional/UFRJ/Brasil.
E-mail: gvelho@alternex.com.br

Resumo/abstract/résumé/resumen

O futuro das ciências sociais e a importância de seu passado

O artigo trata das perspectivas das ciências sociais contemporâneas, avaliando algumas dimensões de seu passado. É explorado, especialmente, o caráter inter e multidisciplinar da área do conhecimento, com alguns exemplos específicos. Entre as temáticas abordadas, valorizam-se as de "indivíduo e sociedade" e "natureza e cultura". Aponta-se também para uma reorganização das fronteiras disciplinares, destacando-se a maior fluidez, comunicação e trânsito na produção científica propriamente dita. Por outro lado, discute-se a problemática institucional das ciências sociais, focalizando-se a situação da universidade particularmente, diante de mudanças e pressões oriundas da sociedade abrangente e do poder público, por meio de demandas produtivistas, massificação e utilitarismo, assim como dos desafios advindos de uma crescente "cultura de avaliação", baseada sobretudo em meios quantitativos.

Palavras-chave Conhecimento interdisciplinar, indivíduo, sociedade e cultura, universidade, produtividade e avaliação.

The future of the social sciences and the importance of their past

This article deals with the prospects for the contemporary social sciences, assessing some aspects of their past. In particular, the inter- and multi-disciplinary character of this area of knowledge is explored, with a number of specific examples. Amongst the various questions considered, the article pays special attention to “the individual and society” and “nature and culture”. The article also points to a reorganization of the boundaries between disciplines, with growing fluidity, communication and transit in the production of scientific knowledge as such. The institutional problems faced by the social sciences are also discussed, focusing on the situation at universities, in the face of change and pressure from wider society and public authorities, in the form of the demand for productivity, massification and utilitarianism, and also the challenges deriving from a growing “culture of assessment”, based, in the main part, on quantitative means.

Key words Inter-disciplinary knowledge, individual, society and culture, university, productivity and analysis.

L'avenir des sciences sociales et l'importance de leur passé

Cet article aborde les perspectives des sciences sociales contemporaines, tout en évaluant certaines dimensions de leur passé. Il met particulièrement l'accent sur le caractère inter et multidisciplinaire du domaine de la connaissance, avec quelques exemples précis. Les principales thématiques abordées sont “individu et société” et “nature et culture”. L'article insiste également sur un réaménagement des frontières disciplinaires, pour accroître la fluidité, la communication et la circulation de la production scientifique proprement dite. Quant à la problématique institutionnelle des sciences sociales, l'accent est mis sur la situation de l'université, face aux changements et aux pressions de la société en général et des pouvoirs publics, qui se traduisent par des contraintes productivistes, la massification et l'utilitarisme, ainsi que par les enjeux d'une “culture de l'évaluation” croissante, se basant surtout sur des moyens quantitatifs.

Mots-clés Connaissance interdisciplinaire, individu, société et culture, université, productivité et évaluation.

El futuro de las ciencias sociales y la importancia de su pasado

El artículo trata de las perspectivas de las ciencias sociales contemporáneas, evaluando algunas dimensiones de su pasado. Se explora, especialmente, el carácter inter y multidisciplinar del área del conocimiento, con algunos ejemplos específicos. Entre las temáticas abordadas se valorizan las de “individuo y sociedad” y “naturaleza y cultura”. Se apunta también hacia una reorganización de las fronteras disciplinares, destacándose la mayor fluidez, comunicación y tránsito en la producción científica propiamente dicha. Por otro lado, se discute la problemática institucional de las ciencias sociales,

enfocándose la situación de la universidad particularmente, ante cambios y presiones oriundas de la sociedad circundante y del poder público, por medio de demandas productivistas, masificación y utilitarismo, así como de los desafíos resultantes de una creciente “cultura de la evaluación”, basada, sobre todo, en medios cuantitativos.

Palabras-clave Conocimiento interdisciplinar, individuo, sociedad y cultura, universidad, productividad y evaluación.